



Partido liderado por André Ventura elegeu 60 deputados e promete ser um “farol de estabilidade”

Chega aposta na estabilidade para a cobrar no futuro

Parlamento ■ Ao prometer ser um “farol de estabilidade”, André Ventura já está a acautelar o que vai exigir quando, porventura, vencer eleições com maioria relativa. Ascensão a segunda força tornou essa ambição “realística”, analisa o politólogo Riccardo Marchi.

Melissa Lopes

mlopes@medianove.com

Agora que ascendeu a segunda força do país, ao conseguir eleger 60 deputados, o Chega promete ser um “farol de estabilidade” e ter “sentido de responsabilidade”. André Ventura, que chegou ao Parlamento como deputado único em 2019, veste agora um novo fato e garante que não será o líder da “destruição” nem da “crítica fácil” ou do “bota-abaixo”. Mas avisa que está a construir um governo alternativo porque “a hora da mudança está a chegar a Portugal”.

Com este elevar da fasquia, André Ventura vai manter a “dupla estratégia” de, por um lado, “radicalizar muito o discurso através das bandeiras da imigração, lei e ordem”, e por outro, assumir-se como uma solução de centro-direita. Mas se até aqui se afirmava disponível para fazer parte de um governo, neste momento “convém-lhe muito mais apresentar-se como oposição responsável” e não ser um “fator de instabilidade”, diz

ao Jornal Económico (JE) o politólogo Riccardo Marchi.

Isto, porque com a queda abrupta do Partido Socialista (PS) nestas eleições, analisa o especialista, abriu-se uma “oportunidade realística de o Chega, possivelmente, daqui a quatro anos ultrapassar também a Aliança Democrática (AD)” e tornar-se o partido mais votado. E é a pensar nisso que joga agora a carta da estabilidade, a pensar cobrá-la mais tarde se vier a ganhar eleições com maioria relativa, e precisar que o deixem governar e mostrar aquilo que vale ou não.

Marchi encontra ainda uma outra razão forte para que o partido de André Ventura não seja um fator de instabilidade na legislatura que arranca para a semana: as eleições autárquicas do próximo outono — uma outra “janela de oportunidade importante para o Chega”. “Possivelmente vai eleger dezenas de autarcas com responsabilidade de governo e isso permite-lhe formar e demonstrar que tem uma classe dirigente preparada”, analisa o investigador do Centro de

Estudos Internacionais do ISCTE.

Marchi dá o exemplo da Liga, partido italiano congénere de Ventura que, a nível nacional é polémico, com Matteo Salvini a exagerar na comunicação política, mas a nível local tem uma “estrutura muito boa, muito enraizada no território e muito eficaz”.

“O Chega tem toda a vantagem de deixar as coisas calmas e estáveis a nível nacional para aproveitar todas estas janelas de oportunidade que se estão a abrir para se estruturar definitivamente”, conclui o politólogo, não acreditando, contudo, que André Ventura esteja a construir um governo “sombra”, porque, até agora, “apesar de tudo, “o Chega ainda demonstra uma fragilidade de cooptação de quadros qualificados da sociedade civil”.

“Acho que é comunicação política. Faz parte deste teatro de dizer que se está a preparar para ser governo (...) Ficaria muito surpreendido se, em poucas semanas, conseguisse apresentar um governo sombra com nomes de relevo com gente credível”, remata.